



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O USO DO TEXTO LITERÁRIO NA EJA:
SABERES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS

Luciana Coutinho Leonidas

Rio de Janeiro

2020

LUCIANA COUTINHO LEONIDAS

O USO DO TEXTO LITERÁRIO NA EJA
SABERES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Literaturas.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Alessandra Fontes Carvalho da Rocha Kuklinski Pereira
Co-orientador: Ms. Denise Cunha Dantas

Rio de Janeiro

2020

Leonidas, Luciana Coutinho.

O uso do texto literário na EJA. Saberes, vivências e práticas. Luciana Coutinho Leonidas. - Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2020. (36 f.)

Orientadora: Alessandra Fontes

Orientadora: Denise Dantas

Monografia (Graduação em Letras habilitação Português-Literaturas)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes,
Faculdade de Letras.

Referências Bibliográficas: f. 33-35.

1. Literatura 2. Letramento literário 3. Eja 4. Direitos humanos. I.
Leonidas, Luciana Coutinho. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Letras, 2020. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Um coração grato engrandece o espírito do ser humano. Esta é uma verdade que sempre norteou a minha existência. Sendo assim, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha jornada acadêmica.

Ao Senhor Deus, por sua graça, misericórdia e infinita bondade. “Porque Dele e por Ele, para Ele, são todas as coisas; Glória, pois, a Ele eternamente” Romanos 11:36.

Aos meus pais, Gesualdo e Marta, pelo amor e apoio incondicional. Em especial, à minha querida mãe, pois sei o quanto a senhora se realiza através das minhas conquistas.

Aos meus irmãos, Marcos, Marcelo, Marcele e Ricardo, pelo companheirismo em todas as horas.

Ao meu filho, Victor Hugo e aos meus sobrinhos, Leandro, Levi, Natália, João Pedro e Arthur, vocês são a razão de toda a minha caminhada, pois sempre anseio por ser um bom exemplo para vocês.

A todos os meus amigos ledianos da turma LED 2014-2, em especial aos queridos Mônica Amom, Neuzimar Lacerda e Péricles Paradela, meus companheiros de aulas, trabalhos e idas e vindas ao curso noturno da Faculdade de Letras, na Ilha do Fundão. Somos existência e resistência!

À minha orientadora Alessandra Fontes e à minha co-orientadora Denise Dantas, muito obrigada pela parceria e auxílio no processo de escrita deste trabalho final.

Aos meus amigos da Primeira Igreja Batista da Av. Brasil, da Fundação COPPETEC, e a todos os que encontrei durante a minha caminhada. Amigos de longe, amigos de perto, amigos de coração e amigos de sangue, agradeço o amor, o apoio e a cumplicidade.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUCIANA COUTINHO LEONIDAS

DRE: 114171262

O USO DO TEXTO LITERÁRIO NA EJA SABERES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ (curso). Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Data de avaliação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

NOTA: _____

Prof^a. Dr^a. Alessandra Fontes Carvalho da Rocha Kuklinski Pereira – Presidente da Banca Examinadora

Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: 9,5

Prof^a. Dra. Marcela Martins de Melo Fraguas - UFRJ

Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

“Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”

Antonio Candido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1. POTENCIAL DE HUMANIZAÇÃO DA LITERATURA	11
Capítulo 2. POTENCIAL DA LEITURA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO	13
Capítulo 3. SABERES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NO PROJETO E SUAS RELAÇÕES COM A TEORIA	16
3.1 Música e Meio Ambiente	20
3.2 Fábulas de Esopo e a Parábola do Bom Samaritano	22
3.3 Identificação da temática da seca nordestina	25
3.4 Identificação das vozes do texto e o gênero textual diário	26
3.5 Identificação da temática do racismo, preconceito e trabalho	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXO 1	36

RESUMO

O presente trabalho foi realizado por pesquisa e observação participante no Projeto Letramento de Jovens e Adultos da COPPE/UFRJ. A partir do conceito de Letramento, de Roxane Rojo (2009), que afirma que letramento é o uso de práticas sociais ligadas à linguagem, à leitura e à escrita, que contribuem para a formação do indivíduo em seu contexto social; bem como a possibilidade de humanização do indivíduo através do contato com o texto literário, corroborando a visão de Antônio Cândido, em seu ensaio intitulado *O Direito à Literatura*, no qual afirma “tudo que é ficcional, dramático e poético está inserido no campo da literatura e o contato com a produção literária torna o indivíduo um sujeito mais humano” (CANDIDO, 1995 p. 242) e a visão freiriana de uma educação que valoriza a dialogicidade entre educador-educando. Assim, discutiremos as possibilidades do uso da literatura em atividades desenvolvidas com o objetivo de letramento literário e também apresentaremos sua valorização e relevância em sala de aula como um direito humano.

Palavras-chaves: Literatura, Letramento literário, Eja, Direitos humanos

INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que a educação e o ensino são direitos básicos e universais de todo ser humano e que devem ser assegurados a cada indivíduo, independentemente de sua raça, credo e nacionalidade. Ao iniciarmos o presente trabalho com tal referência, queremos endossar a afirmação e apresentar um caminho que possa contribuir para o desenvolvimento humano pela educação e pela leitura do texto literário.

É possível afirmar que, ao darmos aos estudantes o acesso à literatura, estamos contribuindo para o desenvolvimento social, político e pedagógico do indivíduo em sociedade, uma vez que o contato com o texto literário e com a literatura nos torna seres mais humanos. Foi pensando nessa afirmação que nasceu a presente pesquisa acadêmica, em forma de trabalho voluntário, como professora de língua portuguesa, no Projeto de Extensão Letramento de Jovens, Adultos e Idosos do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE/UFRJ).

O ensino de língua portuguesa no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um grande desafio para a educação brasileira. Um dos maiores problemas existentes é o fato do ensino ser baseado na mesma produção acadêmica utilizada no ensino para crianças. A partir da identificação do problema encontrado, foi desenvolvido uma série de trabalhos de leitura de textos literários em sala de aula. Foram utilizados diversos gêneros textuais literários, como: músicas, cantigas, poesias, fábulas, contos e alguns fragmentos de romances (nesse caso, a opção pelo fragmento foi pelo pouco tempo que havia para trabalhar a leitura na íntegra). Foram lidos grandes autores brasileiros, tais como: José Paulo Paes, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Carolina Maria de Jesus, Chico Buarque e autores africanos, como: José Craveirinha e Ondjaki. Além disso, foram discutidos temas relacionados ao meio ambiente, à seca nordestina e suas mazelas, ao racismo, ao preconceito e ao mercado de trabalho, como forma de incentivo aos alunos na discussão e na leitura crítica de importantes temas da contemporaneidade.

Todas as atividades foram realizadas no ano de 2019, no sentido de viabilizar o letramento literário e ensino de língua portuguesa na EJA, através do texto literário, com base nas experiências, saberes e vivências dos indivíduos em situação de analfabetismo funcional.

Por fim, pensando na possibilidade de desenvolvimento do aluno da EJA, a partir do conceito de letramento de Roxane Rojo (2009), que afirma que letramento é o uso de práticas sociais ligadas à linguagem, leitura e escrita, que contribuem para a formação do indivíduo em seu contexto social, este trabalho tem como objetivo principal a eficácia do uso da literatura no ensino

de língua portuguesa e sua relação com o desenvolvimento humano. Nessa perspectiva, discutiremos nos capítulos 1 e 2 o potencial da literatura e da leitura literária para a formação do sujeito como cidadão e, no capítulo 3, destacaremos as vivências e as práticas realizadas no Projeto de Extensão Letramento de Jovens, Adultos e Idosos da COPPE/UFRJ, bem como o problema encontrado no desenvolvimento do presente trabalho: a falta de material didático para o ensino na EJA.

1. POTENCIAL DE HUMANIZAÇÃO DA LITERATURA

Durante toda a existência das civilizações, sempre foi dada ao homem a capacidade de produzir e narrar histórias, sejam elas verídicas, ficcionais ou poéticas. O registro dessas histórias, em suas diversas formas de estilo e estética, por textos orais ou escritos, é o que chamamos de literatura.

A literatura como forma de arte é um espaço em que outros saberes são convocados, tais como ciência, história e religião. E, ao convocá-los, ela os coloca em diálogo. Através da leitura do texto literário, é possível afirmar que o mundo é muito além do mundo real em que vivemos. Um texto, ao ser lido, de alguma maneira, constrói um sentido em sua interpretação, trazendo a capacidade de transformar a vida do indivíduo. Portanto, o que a literatura faz? Ela trabalha com as emoções, ela humaniza o ser humano.

Alguns intelectuais, tais como Antonio Candido, Paulo Freire e Umberto Eco, destacam o poder humanizador da literatura. Para Candido (1995), a literatura é uma necessidade do ser humano, uma vez que todo indivíduo é capaz de fabular ou de ter contato com o universo fabulado.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 1995, p. 242)

Paulo Freire também destaca o uso da literatura na educação como forma de troca de vivências. O autor afirma que o acesso ao texto em sala de aula, de uma forma democrática e dialógica, valoriza a troca de experiências e saberes e auxilia o aspecto da humanização, tanto do educador quanto do educando. É possível observar um pouco desta afirmação no prefácio escrito por Antônio Joaquim Severino, na 23ª edição da obra *A importância do hábito de ler*, de Paulo Freire:

É trabalhando a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e do papel de uma biblioteca popular relatando e documentando suas experiências de alfabetização e de educação política que Paulo Freire produz sua obra, pensando e repensando sua própria prática, sua vivência pessoal. Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1981 apud SEVERINO, 1982, p.7)

O renomado escritor italiano Umberto Eco (2011) ressalta que, através da leitura de algumas obras universais, as histórias são eternizadas no imaginário popular. Entretanto, a verdadeira história está marcada nos textos originais, o que o autor chama de verdade literal. Sendo assim, ele defende que a literatura é essencial para a memória cultural e para o desenvolvimento dos indivíduos como pessoa e cidadão: “A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação” (ECO, 2011, p. 12). Portanto, nessa perspectiva, acentuamos que o uso do texto literário em sala de aula contribui para a visão humanizadora do ensino.

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que *não* podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres. (ECO, 2011, p. 13)

Umberto Eco (2011) também afirma que a literatura é um bem imaterial, ou seja, não é avaliável a peso de alguma medida concreta, mas ela exerce grande importância no desenvolvimento humano, uma vez que “os textos produzidos pela humanidade que se leem por deleite, elevação espiritual, ampliação dos próprios conhecimentos” (ECO, 2011, p.9). Sendo assim, a leitura de um texto traz a capacidade de transformar a vida do indivíduo em algo novo e diferenciado. Portanto, é possível afirmar que o contato com a literatura promove o desenvolvimento e a humanização do sujeito.

2. POTENCIAL DA LEITURA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

A leitura de obras literárias é de grande importância para o desenvolvimento do sujeito como ser humano e também como cidadão, pois, em contato com o conteúdo literário, o indivíduo tem acesso aos mais variados saberes e assim passa a ter conhecimento de um mundo que, muitas vezes, é diferente de sua realidade social.

É importante ressaltar que uma obra literária, ao ser escrita, emprega a linguagem de uma forma peculiar e a literatura contribui para a formação da língua do sujeito, criando identidade e comunidade entre os indivíduos (ECO, 2011, p. 11). Essa afirmação contribui para ressaltar o caráter coletivo da língua e a importância do uso da literatura no ensino de língua e linguagem, no contexto da educação. Ademais, a missão do educador é levar consciência da linguagem aos educandos, e isso se faz presente no processo de alfabetização e no incentivo ao hábito de leitura de forma consciente e crítica. Esse é um grande desafio, pois quem trabalha ou domina o uso da linguagem tem o poder da argumentação. Portanto, é possível afirmar que quem a compreende tem uma espécie de poder, uma vez que ela contribui ativamente para a inserção do indivíduo em comunidade. Tal proposição se faz presente na visão de Paulo Freire (1989), pois ele afirma que ler não é apenas decodificar as palavras, mas também é uma troca de vivências entre o leitor e o texto lido. Para o autor, este é um processo que envolve a compreensão crítica do ato de ler, conforme destacado no fragmento a seguir: “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 9). Assim, as atividades de leitura e o contato com a linguagem são muito pertinentes para aguçarmos o sentido crítico do sujeito e isso é possível através de práticas de letramento.

Nesse ponto, vale destacar o conceito de letramento, da professora e escritora Roxane Rojo (2009), a qual afirma que letramento é o uso de práticas sociais ligadas à linguagem, leitura e escrita, que contribuem para a formação do indivíduo em seu contexto social. Sendo assim, o que defendemos é que se faz pertinente e de total importância o ensino de literatura também aos indivíduos em situação de analfabetismo e de analfabetismo funcional. Para isso, destacamos as diferenças entre esses dois conceitos apresentados por Rojo. A autora afirma que alfabetismo é o “conjunto de competências e habilidades ou de capacidades envolvidas nos atos de leitura ou de escrita dos indivíduos” (ROJO, 2009, p.97). Já no fragmento a seguir, verificamos seu conceito de alfabetismo funcional, que é a “capacidade de utilizar a leitura e a escrita para fins pragmáticos,

em contextos cotidianos, domésticos ou de trabalho, muitas vezes colocado em contraposição a uma concepção mais tradicional e acadêmica” (ROJO, 2009, p.98).

Face ao exposto, no conjunto de práticas sociais que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, Rojo (2009) defende os múltiplos letramentos, como o uso das diversas formas de material, tais como: textos escritos, imagens, vídeos, músicas etc.. No sentido de destacar as várias frentes de ensino, uma vez que, devido à globalização, encontramos muitos desafios nesta área. Sendo assim, dentre todas as possibilidades de letramento existentes, destacamos aqui o letramento literário.

Uma das possíveis definições de letramento literário é a afirmação de que se trata da apresentação do texto literário para indivíduos que nunca tiveram acesso a esse tipo de leitura. Assim, novamente pensando na possibilidade de reflexão através da literatura, cumpre lembrar a importância de realizarmos atividades de letramento pela leitura do texto literário com indivíduos em situação de analfabetismo, uma vez que em algumas situações eles são excluídos do mundo social, devido à falta de habilidade com a leitura e a escrita. No entanto, em contato com o texto literário, é possível fazer com que essa realidade seja impactada, por conta do poder transformador da literatura, conforme descrito anteriormente.

Um aspecto que precisa ser considerado é que através do acesso à literatura é possibilitado o encontro entre dois mundos: o mundo do autor e o mundo do leitor. Tal fato é ressaltado pelo professor Rildo Cosson, em seu livro *Letramento Literário*, no capítulo intitulado *A literatura e o mundo*, conforme destacado no fragmento a seguir: “Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro” (COSSON, 2006, p. 27). Dessa forma, é possível afirmar que ocorre uma espécie de troca de experiências entre ambos e nesse processo relacional é pertinente afirmar que a literatura contribui para o desenvolvimento do indivíduo, em sua identidade, bem como na vida em sociedade, tornando-se assim uma forma de prática social. Vejamos abaixo outro fragmento da obra de Cosson que corrobora esta afirmação:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2006, p.17).

É fato concreto que o contato com a literatura é de suma importância no processo educativo de todo indivíduo, devido ao seu caráter de desenvolvimento humano e social. Portanto, faz-se pertinente e é de extrema relevância a discussão quanto ao uso da literatura na educação, uma vez que vários estudos que colaboram para a valorização do texto literário no ensino podem ser encontrados. É importante também destacarmos a relevância da utilização do texto literário para indivíduos fora do ciclo básico da educação, ou seja, os jovens, adultos e idosos que estão em sala de aula fora da idade regular pensada para o ensino.

O ensino de jovens, adultos e idosos, ou EJA, como é popularmente conhecido, foi regulamentado pelo governo federal brasileiro pelo decreto nº 6.093, de 24 de abril de 2007. Pensar em educação para essa parcela da população é considerar tratar-se de pessoas que não tiveram a oportunidade de adquirir instrução no ensino escolar durante sua infância, e tal fato é comumente relacionado ao ingresso precoce ao mercado do trabalho, para suprir alguma necessidade básica. Sendo assim, muitas vezes, o aluno ingressa na EJA em situação de analfabetismo funcional, ou seja, o indivíduo é alfabetizado, mas não consegue desenvolver as competências de leitura e escrita, uma vez que não completou o ciclo básico de educação.

A partir da identificação da capacidade de humanização da literatura, faremos o diálogo entre o texto “O direito à literatura” do escritor e crítico literário Antônio Cândido, no qual o autor afirma que “a literatura é ato indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 1995, p. 243) e a prática docente, realizada durante as aulas no Projeto. Face ao exposto e em concordância com o pensamento do referido autor, o presente trabalho foi idealizado no sentido de oferecer às pessoas em situação de analfabetismo funcional o contato com textos literários, no intuito de possibilitar o letramento literário e a humanização aos estudantes participantes do Projeto de Extensão Letramento de Jovens, Adultos e idosos da COPPE/UFRJ.

3. SABERES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS NO PROJETO E SUAS RELAÇÕES COM A TEORIA

Definido como objeto de estudo da pesquisa, o trabalho de campo se constituiu na observação e em minha atuação como educadora na área de Português - Literaturas do Projeto de Extensão Letramento de Jovens, Adultos e Idosos da COPPE/ UFRJ.

O Letramento de Jovens, Adultos e Idosos da COPPE/UFRJ é um projeto aberto a todo aquele que não é alfabetizado e que não teve acesso ou não concluiu os estudos no Ensino Fundamental na idade escolar referente. Foi criado em 2005, pela Assessoria de Desenvolvimento Social da COPPE, a partir de uma pesquisa com os servidores e trabalhadores terceirizados que atuavam em atividades de limpeza e serviços gerais. A pesquisa foi ampliada para outras unidades e setores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, o Projeto tem como estudantes inscritos os servidores da UFRJ e trabalhadores terceirizados, que são prestadores de serviço que atuam na área de limpeza e conservação, nas unidades da Cidade Universitária, como o Centro de Tecnologia (CT), bem como cidadãos moradores do entorno da Ilha do Fundão, principalmente da Vila Residencial da UFRJ e do Complexo da Maré - Rio de Janeiro – RJ. Vale informar que o contato com os terceirizados geralmente se dá através dos encarregados das firmas que prestam serviços gerais para a UFRJ e com os moradores do entorno é feito através das Organizações Sociais desses territórios.

O projeto é uma ação de extensão do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – COPPE. A COPPE é a Coordenação de Pós - Graduação dos Programas de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo um dos maiores centros de pesquisas da área da América Latina e está situado no Centro de Tecnologia (CT), na Cidade Universitária - Ilha do Fundão - RJ.

O projeto foi criado com os seguintes objetivos: i) combater o analfabetismo; ii) criar espaços para a construção e apropriação de conhecimento nas diversas áreas do educando jovem, adulto e idoso; iii) ampliar a oferta de práticas de ensino, pesquisa e extensão em espaços educativos na EJA que privilegiem as interações de experiências do educando, visando fortalecer a sua autoestima e identidade cultural; iv) valorizar e motivar os alunos na continuação do ensino regular; v) possibilitar ascensão funcional dos alunos trabalhadores; vi) promover a inclusão digital, utilizando a informática como um instrumento no processo de ensino-aprendizagem; vii) contribuir para uma formação crítica e prática dos discentes.

Vale ressaltar que os indivíduos, que fazem parte do corpo discente do projeto, são identificados como pessoas de origem simples e humilde, em sua maioria moradores das comunidades que cercam as redondezas da Ilha do Fundão, e que dividem uma história em comum: o abandono do universo escolar e o ingresso precoce no mercado de trabalho, em função de suprirem alguma necessidade básica. Assim, podemos afirmar que foi vedado a esses indivíduos um dos seus direitos básicos: o acesso à educação.

Cumprir lembrar que o trabalho de letramento literário realizado com a turma do ensino básico do projeto foi baseado na perspectiva de permitir o acesso dos educandos à literatura. Segundo Antonio Candido, ao citar o sociólogo francês Padre Louis - Joseph Lebret, entendemos que o texto literário faz parte dos chamados bens incompressíveis, aqueles bens que não podem ser negados a ninguém, como o alimento e a moradia (CANDIDO, 1995, p. 240). Sendo assim, destacamos que o acesso de indivíduos em situação de analfabetismo à literatura se faz necessário como forma de cumprimento do direito básico aos cidadãos.

Nesse contexto, vale a pena ressaltarmos o trecho de dois importantes documentos que destacam a relevância do ensino e da educação como direito básico para todo ser humano: a Declaração de Direitos Humanos e a Constituição Brasileira, que regulamentam o acesso aos referidos direitos em nível internacional e nacional, respectivamente:

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

A ASSEMBLÉIA GERAL proclama a presente DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, **pelo ensino e pela educação**, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efectivos tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição.

(ONU, 1948, Preâmbulo, grifo nosso)

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

Parágrafo único. Lei complementar poderá autorizar os Estados a legislar sobre questões específicas das matérias relacionadas neste artigo.

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

I - zelar pela guarda da Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;

II - cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência; ([Vide ADPF 672](#))

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; ([Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015](#))

VI - proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas; (BRASIL, 1988, grifo nosso)

As atividades desenvolvidas no Projeto são voltadas para o ensino básico de língua portuguesa e matemática e os estudantes são divididos em três turmas: Básico – alunos que não foram alfabetizados; Intermediário – alunos alfabetizados, que apresentam grandes dificuldades na escrita e leitura; Avançado – alunos que apresentam um grau de dificuldade bem menor, capacitados a um nível de estudo mais aprofundado. As aulas são ministradas no Centro de Tecnologia/UFRJ, de segunda-feira a sexta-feira, no horário das 15h às 16h30.

O Projeto é um espaço de educação não formal onde é realizada uma proposta de educação com viés transformador, conforme a visão de educação freiriana. Nesse sentido, as ações do Projeto contribuem para a transformação dos educandos como indivíduos conscientes de seu papel em sociedade. Sendo assim, na constante avaliação das metodologias empregadas, foi identificada a necessidade do desenvolvimento não só escolar, mas, também, social dos alunos, uma vez que, em função de sua situação de analfabetismo, muitos indivíduos são frequentemente ignorados no complexo e concorrido mundo contemporâneo. Dado o contexto, vale a pena fazermos menção às contribuições de Roxane Rojo (2009), no sentido de destacarmos as ações dos múltiplos letramentos realizados na educação. No fragmento abaixo, Roxo ressalta a importância da prática de múltiplos letramentos no espaço escolar:

O papel da escola na contemporaneidade seria o de colocar em diálogos – não isento de conflitos, *polifônico* em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar coligações conta-hegemônicas, para translocalizar lutas locais. Como gosto de dizer, para transformar *patrimônios* em *fratrimônios*. Neste sentido, a escola pode formar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota em sua língua. (ROJO, 2009, p. 115)

A partir da iniciativa de inclusão social dos estudantes, é realizado um trabalho em conformidade com o pensamento freiriano, por uma educação humanista e transformadora, criativa e estimulante, do pensar autêntico e dialógico em sala de aula, conforme destacado abaixo, nos fragmentos de sua obra *A Pedagogia do Oprimido*:

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. (FREIRE, 2016, p. 100).

Porque assim é, a educação a ser praticada pela liderança revolucionária se faz cointencionalidade.

Educador e educandos (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento.

Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes.

Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento. (FREIRE, 2016, p. 101)

Durante o planejamento das aulas, percebeu-se a falta de conteúdo pedagógico e produção acadêmica para um bom desenvolvimento do trabalho com os estudantes da EJA, na área de literatura. Sendo assim, as aulas foram desenvolvidas com o objetivo principal de apresentar aos alunos um elemento até então novo para cada um deles, o texto literário. Neste ponto, destacamos a fala da professora Ana Paula de Abreu Costa de Moura, do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da UFRJ, em seu artigo intitulado *Diálogos entre práticas e teorias na alfabetização de jovens e adultos*, em que descreve as especificidades em se desenvolver um trabalho com os alunos da EJA:

Assim, no processo educativo, existem especificidades que precisam ser consideradas. Entre elas, estão as relações intergeracionais, pois temos, numa mesma sala: aluno de 15 anos de idade e idosos; diferentes níveis de aprendizagem – uma vez que a maioria dos alunos já passou, em algum momento, pela educação escolar, trazendo fragmentos da experiência vivida; e, fundamentalmente, as especificidades culturais e os distintos saberes construídos em outros espaços/tempos que não a escola. (MOURA, 2019, p.50)

Cumprir lembrar que, inicialmente, a ideia de disponibilizar o texto literário para os alunos do Projeto foi baseada no pensamento do escritor e intelectual brasileiro Antonio Candido. Em seu ensaio *O Direito à Literatura* (1995), o autor reflete sobre a relação entre os direitos humanos e a literatura. Conforme descrito anteriormente, Candido destaca o caráter humanizador da literatura e nos informa que ela permite ao indivíduo a possibilidade de uma vivência dialética de seus problemas em sociedade. No fragmento abaixo, é possível observarmos a relação entre literatura e desenvolvimento humano:

Entendo por humanidade o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos

torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249)

Para alguns indivíduos, o contato com o texto literário proporciona o acesso a um mundo até então desconhecido, uma vez que, devido à falta de instrução escolar em seus primeiros anos de vida, período comumente idealizado para a educação formal, foram privados de terem contato com o saber intelectual e acadêmico. Portanto, para estes indivíduos, o contato com a literatura pode auxiliar na construção de consciência crítica do mundo em que habitamos. Diante desses pressupostos, foram realizadas as práticas pedagógicas relacionadas neste capítulo, no sentido de contribuir para o desenvolvimento dos estudantes do Projeto como cidadãos conscientes de seus direitos. Ressaltamos que as atividades pedagógicas foram realizadas durante o ano letivo de 2019, nas aulas de língua portuguesa, na turma de ensino básico do Projeto, composta por adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de se alfabetizarem durante a infância.

3.1 Música e Meio Ambiente

O tema trabalhado durante o primeiro semestre do ano de 2019 foi Música e Meio Ambiente. Em virtude disso, durante o primeiro mês de aula foi realizada a leitura do poema *Paraíso*, do poeta e jornalista paulista José Paulo Paes, juntamente com a cantiga popular, *Se essa rua fosse minha*, realizando assim um trabalho de intertextualidade entre os dois textos. O objetivo dessa atividade era demonstrar aos alunos que de suas experiências e conhecimento de mundo era possível ser desenvolvido um trabalho com foco na leitura do texto literário, uma vez que o poeta fez uma releitura da cantiga inserindo o tema do meio ambiente. Com metodologia dialógica e reflexiva, a partir da leitura dos textos, propomos aos estudantes a realização de uma produção textual e, como se tratava de um primeiro contato, foi solicitada produção de frases a partir da visualização de figuras ligadas à temática, em que deveriam fazer uma releitura do poema, considerando suas experiências. Os textos produzidos nesta atividade foram exibidos em uma exposição realizada no hall do bloco H do Centro de Tecnologia da UFRJ, como forma de marcar o encerramento do 1º semestre de 2019. Abaixo, apresentamos os textos produzidos pelos educandos, e ressaltamos que respeitamos a sua escrita na reprodução da atividade em sala de aula, e as fotos do cartaz produzido, contendo suas releituras do poema de José Paulo Paes.

Se esta rua fosse minha
 Eu mandava ladrilhar
 Para minha comunidade e criança brincar
 Se eu fosse um governante
 Eu mandava cuidar
 Das floresta do Brasil
 Para o Povo desfrutar
 A minha Comunidade é um Paraíso
 (Produção do estudante RB)

Um belo lugar
 Se esta fazenda fosse minha
 Eu mandava cercar
 para o carro não passar
 Se esta cachoeira fosse minha
 Eu não deixava secar
 Se ficar sem água
 Aonde os bichos irão nadar?
 (Produção do estudante MCNL)

A bela natureza
 Se esta praia fosse minha
 eu mandava era limpar
 por que ela é muito linda
 por que eu quero toma banho lá
 Se esta Cidade fosse minha
 eu mandava era pintar
 com cores bem bonitas
 para o turista admirar.
 (Produção do estudante JSL)



TEMA: Música e Meio Ambiente
"Se esta rua fosse minha"

Poema: Paraíso
Autor: José Paulo Paes
 Se esta rua fosse minha,
 eu mandava ladrilhar,
 não para automóvel matar gente,
 mas para criança brincar.

Se esta rua fosse minha,
 eu não deixava derrubar.
 Se cortarem todas as árvores,
 onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,
 eu não deixava poluir.
 Joguem esgotos noutra parte,
 que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,
 eu fazia tantas mudanças
 que ele seria um paraíso
 de bichos, plantas e crianças.

Cantiga Popular
 Se essa rua
 Se essa rua fosse minha
 Eu mandava
 Eu mandava ladrilhar
 Com pedrinhas
 Com pedrinhas de brilhante
 Para o meu
 Para o meu amor passar.
 Nessa rua
 Nessa rua tem um bosque
 Que se chama
 Que se chama soldão
 Dentro dele
 Dentro dele mora um anjo
 Que roubou
 Que roubou meu coração
 Se eu roubei
 Se eu roubei teu coração
 Tu roubaste
 Tu roubaste o meu também
 Se eu roubei
 Se eu roubei teu coração
 É porque
 É porque te quero bem

Slide utilizado durante a atividade para projetar o poema *Paraíso* e a cantiga popular *Se essa rua fosse minha* - Fonte: Acervo Pessoal



Apresentação em cartaz da releitura do poema do escritor José Paulo Paes - Fonte: Acervo Pessoal

3.2 Leitura de Fábulas de Esopo e da parábola do Bom Samaritano

As fábulas são textos narrativos cuja uma das maiores características é o ensinamento moral. Por conta dessa especificidade, elas eram produzidas para serem utilizadas no ensino e na instrução desde a Antiguidade. Ao lermos uma fábula, é possível identificarmos mais de um nível de leitura. Comumente, os personagens dessas histórias são animais que ocupam um lugar de protagonismo, e assim, de uma forma lúdica, o autor escreve seu texto com um ensinamento moralizante, que normalmente é acatado pelo leitor de acordo com a sua experiência de mundo. A respeito disso, Umberto Eco aponta que na leitura de fábulas, bem como do texto bíblico, é possível encontrarmos quatro níveis de leitura: literal, moral, alegórica e anagógico (místico). Portanto, para o autor, a leitura de fábulas, assim como do texto bíblico abrange a teoria dos sentidos plurinominais de um texto, em que é possível verificarmos várias possibilidades de leituras. Vejamos o fragmento abaixo, em que encontramos um pouco mais da visão de Eco a respeito da leitura desse gênero:

Não é necessário pensar nos quatro sentidos das Escrituras, basta o sentido moral das fábulas: certamente um leitor ingênuo pode entender a fábula do lobo e do cordeiro como o resumo de uma disputa entre animais, mas, mesmo que o autor não se apressasse a informá-lo de que *de te fabula narratur* seria muito difícil não captar um sentido parabólico, uma lição de caráter universal, assim como acontece justamente com as parábolas evangélicas. (ECO, 2011, p. 215)

Por conta de seu caráter universal, realizamos um trabalho de leitura das fábulas, *O Leão e o Ratinho*, *A Raposa e o Corvo* e *a Cigarra e a Formiga*, cuja autoria foi designada a Esopo, escritor da Grécia Antiga, e também da parábola do *Bom Samaritano*, proferida por Jesus e registrada nos evangelhos bíblicos. O objetivo principal da leitura foi a identificação do texto narrativo e suas principais características, como a utilização do pronome em terceira pessoa na composição do texto e a presença do narrador e de animais como personagens principais. Após a leitura, realizamos uma atividade dialógica de interpretação textual e, aqui, vale ressaltar que foi apontado aos estudantes o domínio que cada um tinha no uso dos pronomes pessoais, uma vez que, ao responderem às questões levantadas a respeito dos personagens existentes, eles utilizavam os referidos pronomes em suas repostas.

Essa atividade foi baseada em uma das propostas didático-metodológicas de Maria Amélia Dalvi, citada no texto intitulado *Literatura na escola. Propostas didático-metodológicas*, em que a autora destaca a utilização de vários gêneros textuais em sala de aula, em um trabalho dialógico com os estudantes:

Familiarizar os leitores em formação com todos os gêneros (poema lírico, poema narrativo, carta, bilhete, peça, esquete, piada, provérbio, tirinha, poema visual, narrativa curta, narrativa longa), suportes e modos de apresentação (visual, verbal, filmica, musical, escrita, oral) do texto literário que forem possíveis – como parte inerente a esse trabalho, é necessário discutir tudo isso (a linguagem, o gênero, o suporte, o modo de apresentação, o estilo) com a equipe escolar e com os estudantes. (DALVI, 2013, p.82)

Nessa perspectiva, acentuamos que a leitura de fábulas é comumente realizada no ensino de crianças, na fase escolar do ensino fundamental básico, contudo entendemos também a relevância de realizarmos sua leitura nas aulas da EJA, uma vez que é possível ressaltarmos, não só o conteúdo pedagógico, como o uso dos pronomes pessoais, mas também estabelecermos uma relação com situações de desafio vividas diariamente pelos educandos, com base em suas experiências de mundo.

A seguir apresentamos os slides utilizados na atividade de leitura das fábulas de Esopo e da parábola do Bom Samaritano.

Fábulas de Esopo

O Leão e o Ratinho
Um Leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado debaixo da sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear por cima dele e ele acordou. Todos conseguiram fugir, menos um, que o Leão prendeu debaixo da pata. Tanto o Ratinho pediu e implorou que o Leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora. Algum tempo depois, o Leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguindo se soltar, fazia a floresta tremer com seus urros de raiva. Nisso apareceu o Ratinho, e com seus dentes afiados roeu as cordas e soltou o Leão.
Moral: Uma boa ação ganha a outra

A Raposa e o Corvo
Um Corvo roubou um queijo e com ele fugiu para o alto de uma árvore. Uma Raposa, ao vê-lo, desejou tomar posse do queijo para comer. Colocou-se ao pé da árvore e começou a louvar a beleza e a graça do Corvo, dizendo:
- Com certeza é formoso, gentil e nenhum pássaro poderá ser comparado a ti desde que tu cantes. O Corvo, querendo mostrar-se, abriu o bico para tentar cantar, fazendo o queijo cair. A Raposa abocanhou o petisco e saiu correndo, ficando o Corvo, além de faminto, ciente de sua ignorância

A Cigarra e a Formiga
A cigarra passou todo o verão cantando, enquanto a Formiga juntava seus grãos.
Quando chegou o inverno, a Cigarra veio à casa da Formiga para pedir que lhe desse o que comer.
A Formiga, então, perguntou a elas:
- E o que é que você fez durante todo o verão?
Durante o verão, eu cantei – disse a Cigarra
E a Formiga respondeu:
- Muito bem, pois agora dance!

Slide utilizado durante a atividade para projetar as fábulas *O Leão e o Ratinho*, *A Raposa e o Corvo* e *a Cigarra e a Formiga*, do escritor grego Esopo - Fonte: Acervo Pessoal

A Parábola do Bom Samaritano

25 Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: "Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?"

26 "O que está escrito na Lei?", respondeu Jesus. "Como você a lê?"

27 Ele respondeu: "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento" e "Ame o seu próximo como a si mesmo".

28 Disse Jesus: "Você respondeu corretamente. Faça isso e viverá".

29 Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?"

30 Em resposta, disse Jesus: "Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. 31 Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. 32 E assim também um levita, quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. 33 Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. 34 Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. 35 No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar, pagarei todas as despesas que você tiver'.

36 "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?"

37 "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei.

Jesus lhe disse: "Vá e faça o mesmo".

Referência: Evangelho de Lucas 10: 25-37

Slide utilizado durante a atividade para projetar a *Parábola do Bom Samaritano* - Fonte: Acervo Pessoal

3.3 Identificação da temática da seca nordestina

A seca nordestina é um dos grandes problemas sociais existentes no Brasil e uma de suas consequências foi a emigração da população nordestina para os estados da região Sul e Sudeste do país em busca de melhores oportunidades para sua subsistência. Após verificarmos que os alunos da turma do básico eram oriundos da região Norte e Nordeste do Brasil, realizamos a leitura dos dois capítulos iniciais de um dos grandes clássicos da literatura brasileira, o livro *O Quinze*, de Raquel de Queiroz.

O livro *O Quinze* foi publicado pela primeira vez em 1930. Aos 20 anos de idade, Raquel de Queiroz apresenta, em sua primeira obra publicada, a luta do povo nordestino pela sobrevivência à seca, que assolou o sertão cearense em 1915. Com uma linguagem simples e direta, a autora nos mostra a vida, a dor e a solidariedade de um povo forte, duro e guerreiro.

O objetivo dessa atividade foi o compartilhamento de experiências, uma vez que todos os estudantes foram diretamente afetados pela problemática da seca, o que ocasionou a própria situação de emigrantes. Sendo assim, realizamos uma leitura reflexiva dos dois primeiros capítulos do romance, em que a autora descreve e identifica as personagens principais. Após a leitura, iniciamos discussões a respeito do texto e destacamos o cenário da obra e suas especificidades: local de ambientação da história, as personagens são homens e mulheres nordestinos e alguns são pessoas sem muita instrução e que emigram devido às consequências da brutal seca que assolava a região Nordeste do Brasil.

Nessa perspectiva, acentuamos que trabalhamos em concordância com a visão de Paulo Freire, por uma leitura dialógica e pela troca de saberes em sala de aula, uma vez que as aulas foram planejadas a partir da experiência dos alunos, proporcionando assim a inclusão literária, a humanização e a valorização dos estudantes.

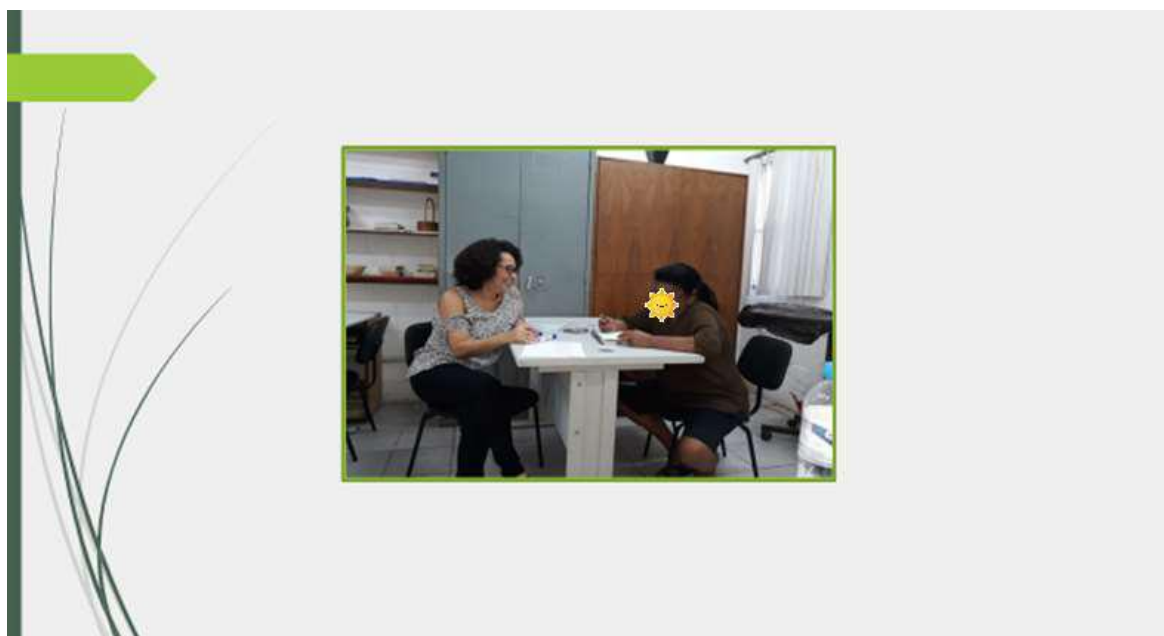
Na prática democrática e crítica, leitura de mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. (FREIRE, 1989, p.18)

Vale destacar a importância do letramento literário pelo acesso, também, às obras clássicas do cânone nacional, promovendo assim a inclusão literária do indivíduo em situação de analfabetismo social. Essas contribuições são parte do diagnóstico do escritor italiano Ítalo Calvino, em seu texto *Por que ler os Clássicos?*, conforme fragmento destacado a seguir: "Os

clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual" (CALVINO, 1993, p. 10-11).

Portanto, a leitura do livro *O Quinze*, de Raquel de Queiroz se fez pertinente por uma questão de identidade por parte dos estudantes, uma vez que puderam ver suas experiências representadas na literatura brasileira e assim perceberam a relevância de suas vivências e memórias serem retratadas em uma obra de literatura.

No slide a seguir é possível visualizarmos a atividade de leitura dos dois primeiros capítulos do romance, a partir de uma perspectiva identitária dos educandos.



Leitura dos dois primeiros capítulos do livro *O Quinze*, de Raquel de Queiroz - Fonte: Acervo Pessoal

3.4 Identificação das vozes do texto e o gênero textual diário

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora multifacetada e poetisa brasileira, cuja primeira obra publicada foi de grande importância na literatura nacional, *O quarto de despejo*. Escrito em forma de diário, a autora relata suas experiências como mulher preta, mãe solteira de três crianças e moradora da Comunidade do Canindé em São Paulo, que sustentava sua família a partir da coleta de material reciclado no lixo.

O livro foi lançado após o encontro da autora com o jornalista Audálio Dantas que, ao adentrar as ruas da comunidade para escrever um artigo a respeito da primeira favela de São Paulo, deparou-se com uma mulher preta, que declarou ser escritora, pois fazia registro de sua rotina em cadernos retirados do lixo.

O Quarto de Despejo é repleto de referências a respeito das vivências diárias da autora. Carolina Maria de Jesus tem uma escrita mais voltada ao discurso novelesco e, por esse motivo, seu texto é recheado de elementos da oralidade. A escolha para fazermos sua leitura com os estudantes do projeto baseou-se na perspectiva da identificação dos alunos com a obra, uma vez que a autora utiliza uma linguagem simples e não rebuscada, mas repleta de sensibilidade e de significado.

O objetivo da atividade foi identificar as vozes do texto e a conscientização por parte dos alunos quanto a uma literatura realista e quanto ao seu papel social. Nessa perspectiva, realizamos uma leitura reflexiva dos dois primeiros capítulos da obra e destacamos a composição do gênero textual diário, que se caracteriza pelo texto escrito em primeira pessoa, como um testemunho de vida da personagem principal. Assim, realizamos discussões no sentido de salientarmos o ambiente descrito na obra, uma favela em São Paulo, e a presença de marcas de oralidade no texto, que pontuam a situação da personagem principal, uma mulher preta sem muita instrução escolar, mas que, mesmo diante de tantas dificuldades, decide registrar sua vida.

Faz-se importante ressaltar que, para alguns críticos literários, a obra de Carolina Maria de Jesus não é valorizada, a ponto de não ser considerada literatura, uma vez que apresenta alguns desvios gramaticais, segundo as normas da gramática normativa. No entanto, podemos examiná-lo segundo fragmento do autor Terry Eagleton, filósofo e crítico literário britânico, em seu texto *O que é Literatura*, extraído da obra *Teoria da Literatura*, em que o autor contextualiza a literatura existente na Inglaterra, conforme descrito abaixo:

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 2006, p.13)

Em consonância com a análise de Eagleton, ressaltamos aqui a literariedade da obra de Carolina Maria de Jesus, uma vez que a autora escreveu seu texto com referências históricas e elementos literários, preparando-o assim para ser lido como uma obra literária.

3.5 Identificação da temática do racismo, preconceito e trabalho

A literatura produzida em África é pontuada pela atuação dos autores africanos na produção de um texto que apresente a identidade de seu povo. Trata-se da composição de uma literatura comprometida com a busca de suas raízes africanas. Mesmo sendo considerada uma literatura relativamente nova, uma vez que durante séculos seus registros históricos e literários foram marcados pela transmissão dos fatos através da oralidade, a literatura africana tem grande relevância mundial. Os autores africanos levam seus leitores a pensarem a história sob a ótica dos excluídos.

Com base na LDB da Educação Nacional nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da Rede Pública de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, entendemos a importância de levar aos estudantes do projeto um pouco da literatura africana e o texto escolhido para a atividade foi a poesia intitulada *Ninguém*, do poeta moçambicano José Craveirinha.

O objetivo da atividade de leitura da poesia foi apresentar a literatura contemporânea africana como forma de ampliar o conhecimento dos alunos, bem como ressaltar a capacidade de leitura de uma nova literatura que passou por um período de apagamento histórico, reforçando a sua importância no processo de identidade dos países africanos.

Vale destacar que, além de dar a possibilidade de leitura de uma obra da literatura africana, um aspecto que precisa ser considerado são as várias possibilidades de interpretação e análise textual para os estudantes, com foco na temática do preconceito e racismo, no âmbito do mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, acentuamos o fato de realizarmos um trabalho de leitura intertextual entre o poema *Ninguém*, de José Craveirinha, e a música *Construção*, de Chico Buarque. Entendemos que a leitura dialógica dos dois textos se fez pertinente no sentido de despertar a leitura crítica acerca da posição social da classe trabalhadora, com foco nas chamadas profissões invisíveis, tão comum entre os alunos do projeto, traço marcante da desigualdade social existente tanto na sociedade brasileira, quanto na moçambicana. Como auxílio na realização da leitura

reflexiva dos dois textos, apresentamos imagens de edifícios em construção (ANEXO 1) e debatemos sobre a existência dos tipos de trabalhadores que atuam na Construção Civil, tema comum entre os textos analisados.

Nesse contexto, vale lembrar a reflexão do escritor francês Frantz Fanon (2008). Em seu livro *Peles negras e máscaras brancas*, o autor faz uma leitura crítica sobre os impactos e as consequências da colonização na vida dos homens negros.

Fanon utilizou sua experiência como psiquiatra para escrever seu texto. Tal informação se faz pertinente quando pensamos na proposta sobre a visão do mundo moderno. Como resultado da política de expansão e colonização europeia, o homem branco é tratado como exemplo de humanidade. As regras de convívio estabelecidas em sociedade são todas impostas por este homem branco e europeu. Dessa forma, o homem negro se inferioriza e passa a viver sobre a ótica do outro. No fragmento abaixo, é possível verificar a afirmação do autor sobre sua leitura psicológica do fato relatado:

Antes de abrir o dossiê, queremos dizer certas coisas. A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo:
— inicialmente econômico;
— em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade.
(FANON, 2008, p. 28)

Uma estratégia do colonialismo é o apagamento da história e da cultura do colonizado. Nesse sentido, o negro tem sua identidade e vida apagadas em função da ação do homem branco. Fanon repensa o lugar do homem negro colonizado na sociedade branca e imperialista. Diante de tal inquietação, surge o pensamento de que o negro é marcado pela atuação do branco. O escritor faz a afirmação do “eu” negado pelo colonizador e muito do seu trabalho é fazer com que o negro tome consciência de seu lugar e valor na sociedade.

Torna-se necessário acentuar que a visão de Frantz Fanon sobre o processo de apagamento do homem negro e o seu lugar na sociedade ocidental é muito próxima da situação do trabalhador assalariado em países como Moçambique e Brasil. Devido à grande desigualdade social existente, o que é fruto da herança do seu passado colonial, os trabalhadores dessas nações perpassam por um processo de apagamento social, uma vez que a maioria não tem acesso a seus direitos básicos, como o direito à educação.

Por último, destacamos que a atividade realizada com a leitura intertextual dos textos de José Craveirinha e Chico Buarque foi uma importante oportunidade de reflexão para os estudantes em relação ao seu papel de cidadão, através de um processo de autovalorização, como sujeitos conscientes e críticos, que ocupam um lugar real em sociedade. No slide a seguir, é possível identificarmos os textos utilizados nesta atividade.



TEMA: Racismo, preconceito e trabalho

<p>Poema: NINGUÉM Autor: José Craveirinha</p> <p>Andaimés Até o décimo quinto andar Do moderno edifício do betão armado</p> <p>O ritmo Florestal dos ferros erguidos Arquitetonicamente no ar E um transeunte curioso Que pergunta: – Já caiu alguém dos andaimés?</p> <p>O pausado ronronar Dos motores a óleos pesados E a tranqüila resposta do senhor empreiteiro: – Ninguém. Só dois pretos.</p>	<p>Construção Autor: Chico Buarque de Holanda</p> <p>Amou daquela vez como se fosse a última Beijou sua mulher como se fosse a última E cada filho seu como se fosse o único E atravessou a rua com seu passo tímido Subiu a construção como se fosse máquina Ergueu no patamar quatro paredes sólidas Tijolo com tijolo num desenho mágico Seus olhos embotados de cimento e lágrima Sentou pra descansar como se fosse sábado Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago Dançou e gargalhou como se ouvisse música E tropeçou no céu como se fosse um bêbado E flutuou no ar como se fosse um pássaro E se acabou no chão feito um pacote flácido Agonizou no meio do passeio público Morreu na contramão atrapalhando o tráfego</p>
---	---

Slide utilizado durante a atividade para projetar o poema *Ninguém*, de José Craveirinha e a música *Construção* de Chico Duarte – Fonte: Arquivo pessoal

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais...
(GONZAGUINHA, 1982)

Em todo o processo de construção deste trabalho, enfatizamos o caráter humanizador e transformador da literatura. A partir da leitura de autores como Antonio Candido, Paulo Freire, Umberto Eco e Rildo Cosson e da leitura de textos como a Declaração dos Direitos Humanos, é possível afirmarmos que o contato com a literatura torna o sujeito mais humano, e isso é um direito de todos. Assim, acreditamos que a literatura forma leitores de vida e que ler transfigura o olhar.

Além disso, discutimos a importância do acesso ao texto literário para indivíduos no contexto da EJA, como forma de inclusão social desse sujeito, que vive uma espécie de apagamento na sociedade contemporânea. No caso dos educandos do Projeto Letramento, em virtude à sua falta de instrução escolar, eles não gozam das mesmas oportunidades daqueles que foram escolarizados na infância, o período comumente esperado para a alfabetização.

As práticas descritas neste espaço contribuem para o levantamento e desenvolvimento de material pedagógico para o ensino de jovens, adultos e idosos na EJA, haja vista este foi o problema levantado na presente pesquisa, a falta de material didático para o ensino do referido segmento.

As atividades desenvolvidas foram planejadas de acordo com as especificidades dos sujeitos do Projeto. Ao organizar as aulas, nos preocupamos com questões como “para que”, “por que” e “como” estávamos planejando, assim como nos orienta a professora Ana Paula de Abreu Costa de Moura (2019). Assim, acreditamos que podemos contribuir para o fazer pedagógico de uma forma efetiva, e assim consideramos o desenvolvimento e a humanização desse estudante da EJA.

Vale destacar que, durante as primeiras aulas do projeto, decidimos que não levaríamos aos estudantes atividades alfabetizadoras baseadas no ensino de crianças, uma vez que todos

apresentavam um certo receio referente a sua pouca habilidade com a escrita e a leitura. Sendo assim, as aulas seriam momentos de discussões e reflexões sobre a experiência e os saberes de cada um. A partir desse momento, concluímos que a leitura do texto literário seria um ótimo caminho para trilharmos o diálogo e a reflexão. Por esse motivo, escolhemos textos que abordassem questões familiares aos estudantes, tais como o problema social referente à seca nordestina, o preconceito linguístico a respeito do uso da oralidade no gênero textual diário e o apagamento social de sujeitos pretos e trabalhadores que ocupam cargos sem muito prestígio na sociedade, como os trabalhadores da área de serviços gerais.

Outro aspecto que precisa ser destacado é que na atividade de produção textual, cujo tema foi *Música e Meio Ambiente*, cuja atividade tratava-se de construção de frases sobre a temática, percebemos o receio de uma estudante em relação à sua escrita. Ela dizia que conhecia as palavras, mas não sabia produzir “aquela coisa” que estávamos propondo. Ao mostrarmos a figura de um peixe e perguntarmos o que ela tinha para dizer sobre aquilo, ela respondeu prontamente: “Ah Professora! Eu adoro comer peixe!”. No mesmo instante pontuamos: “Pronto, você acabou de construir uma frase”. Na sequência, a educanda demonstrou a alegria com seu feito e escreveu em seu caderno a frase antes pronunciada. Com base nessa experiência, vale lembrar a reflexão da professora e escritora Irandé Antunes: “Qual é o contexto social a formar frases? Somos levados a dizer coisas e a termos ações. Portanto, uma frase passa a ter relevância se ela tiver a pretensão e uma finalidade, assim ela passa a ser um texto.” (ANTUNES, 2007, p. 67)

Finalmente, ressaltamos a possibilidade do uso do texto literário no processo de ensino entre indivíduos da EJA. E destacamos a real importância na identificação das vivências e dos saberes desses sujeitos, uma vez que, em determinadas situações sociais, eles perpassam por uma espécie de apagamento social, devido à situação de analfabetismo/analfabetismo funcional. Assim, ao disponibilizarmos o acesso à literatura a este público em especial, estamos contribuindo para seu desenvolvimento e para sua humanização, como cidadãos conscientes de seus direitos e não somente de seus deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 67-68

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração universal dos direitos humanos.** Nações Unidas, Paris, 1948. Disponível em:
<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em 25 mar. 2021.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito e leitura;** tradução de Octavio Mendes Cajado. 3 ed. São Paulo: Ática: 1987.

BRASIL. **Constituição (1988).** Emenda constitucional nº 85, de 2015. Brasília, DF. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 25 mar. 2021

BRASIL. **Decreto-lei n. 6.093, de abril de 2007.** Diário Oficial da República. Poder Executivo. Brasília, DF. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6093.htm. Acesso em 05 abr. 2021

BRASIL. **Decreto-lei n. 10.639, de janeiro de 2003.** Diário Oficial da República. Poder Executivo. Brasília, DF. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 05 abr. 2021

CALVINO, I. **Porque ler os clássicos.** Trad. Nilson Moulim. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1995. p 171-193.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

DALVI, M.H. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas.** São Paulo: Parábola, 2013.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, U. **Sobre a literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Artmed Ed. Porto Alegre, 1989.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GERALDI, J. W. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GONZAGUINHA. **Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1982. Disponível em <https://music.youtube.com/watch?v=VwadrVNj2nE&list=RDAMVMVwadrVNj2nE> Acesso em 05 abr. 2021

KLEIMAN, A. B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

LAJOLO, M. **O texto não é pretexto**. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988. p. 51-62.

LEITE, L. C. M.; MARQUES, R. M. H. **Ao pé do texto na sala de aula**. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988. p. 37-49.

MOURA, Ana. P. A. **Diálogos entre práticas e teorias na alfabetização de jovens e adultos.**
In: CASTRO, Marcelo. M.C e AMORIM, Rejane. M. A (Org.). **Ensino da escrita: da alfabetização ao ensino superior.** 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. p. 49-68.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2009.

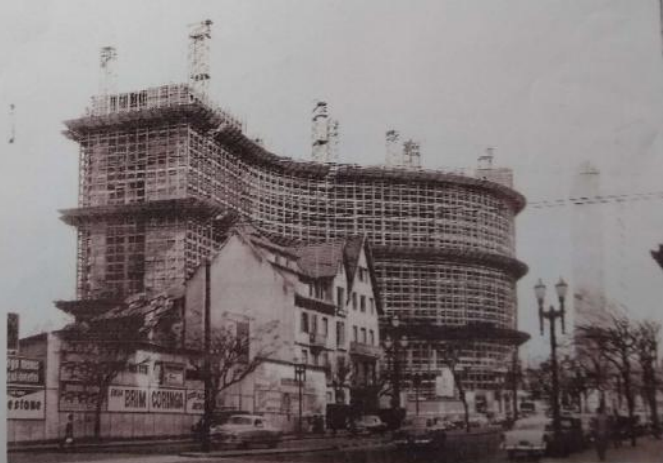
PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** 2ª ed. tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.

ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 9 ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura.** São Paulo: Casac Naify, 2014.

ANEXO 1



Edifício Copan, construído por Oscar Niemeyer em 1954 na Cidade de São Paulo

Reprodução da atividade de leitura do poema Ninguém, de José Craveirinha e da música Construção, de Chico Buarque, a partir da visualização de figuras da construção civil, realizada na aula cujo temática foi racismo, preconceito e trabalho.